

## DISCURSOS E PRÁTICAS SOBRE A CAATINGA COMO “LUGAR” NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO/INDEPENDÊNCIA-CE.

Francisca das Chagas Azevedo Sousa <sup>1</sup>  
Jaiane Araujo de Oliveira <sup>2</sup>

### RESUMO

As escolas do campo têm um ensino diferente da escola regular pois entendem e abordam o território, a cultura, os costumes, o modo de produção e cultivo com a terra de forma fiel e comprometida. É entendida ainda como um espaço de formação política e social dos sujeitos, socializando saberes acumulados, seus processos de transformação e produção, bem como de aquisição e construção de novos aprendizados. Investigar como a temática da Caatinga tem sido apresentada pela Escola Família Agrícola Dom Fragoso/EFA e quais as práticas de contextualização têm sido desenvolvidas com os estudantes é o objetivo deste estudo. O trabalho foi realizado a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, com o emprego da técnica de entrevistas pela plataforma google Meet. Foram entrevistados 04 professores das áreas de geografia e biologia que atuam também na área técnico/agrícola. A pesquisa revelou que a EFA dentro das suas práticas, mas também do seu pensar-refletir, encontra alternativas de produzir um outro discurso possível sobre a caatinga. A ferramenta pedagógica utilizada para isso é o Plano de Estudos, documento que instrumentaliza a reflexão e as práticas de formação ampliada e renovada sobre as possibilidades de convivência com o semiárido, construído pelo tripé que sustenta e fundamenta a ação pedagógica e política da escola: família, comunidade e escola. Nos componentes curriculares do ensino de geografia, biologia e da área técnico/agrícola os monitores buscam modificar/desconstruir a relação entre caatinga e lugar de pobreza, escassez, sem vida, sem produção, o não lugar. Mais do que apresentar novos sentidos/significados aos educandos sobre a caatinga, as práticas da EFA e do trabalho dos monitores anunciam a possibilidade de invenção de outro discurso e de uma nova realidade sobre a caatinga.

**Palavras-chave:** Caatinga. Educação do campo. Meio ambiente. Escola do campo. Contextualização.

### INTRODUÇÃO

A Caatinga é um ambiente natural encontrado no Brasil, que está incluída nos biomas brasileiros tais como: Mata Atlântica, Amazônia, Pantanal, Caatinga e Cerrado. O bioma Caatinga ocupa grande parte do território nacional. Mas grande parte da sua área

---

<sup>1</sup> Graduado da Especialização em Educação do Campo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, [chaguynhaazevedo@gmail.com](mailto:chaguynhaazevedo@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, [oliveira.jaiane@ifce.edu.br](mailto:oliveira.jaiane@ifce.edu.br);

já foi desmatada, fazendo a região sofrer com constantes secas, mas não deixa a desejar na sua biodiversidade, pois está é rica como qualquer outra.

Nessa região há um crescente estresse hídrico, que se torna muito vulnerável ao aquecimento global. A tendência é que a Caatinga “se torne cada vez mais árida/seca”, e as perspectivas de reverter este quadro não são alvissareiras, pois as ações públicas infelizmente têm se mostrado insuficientes na tentativa de frear o processo de degradação da Caatinga. Em um país onde o meio ambiente ainda é enxergado como questão periférica e menos importante, não poderia ser diferente. O descumprimento da legislação ambiental, a ausência de políticas públicas inovadoras no setor e o baixo investimento e desempenho do poder público na área ambiental são reflexos desta realidade. Consequentemente, o número, o tamanho e a distribuição das áreas protegidas pela Caatinga seguem muito abaixo do razoável.

Desse modo, se faz necessário que as escolas abordem sobre a Caatinga em seus componentes curriculares, pois assim ajuda os discentes a conhecer, preservar e disseminar bons olhares para essa região que é invisibilizada e pouco valorizada em nosso país.

As escolas do campo têm um ensino diferente da escola regular, entende e aborda uma Educação comprometida com o território, a cultura, os costumes, o modo de produção e cultivo com a terra. É entendida ainda como um espaço de formação política e social dos sujeitos, socializando saberes acumulados, seus processos de transformação e produção, bem como de aquisição e construção de novos aprendizados. Portanto, para os camponeses esta educação também é um espaço de luta e resistência. Os autores Arroyo, Caldart e Molina (2011) afirmam:

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2011, p. 14).

Prudêncio e Guimarães (2017) enfatizam que é importante considerar o contexto da realidade dos alunos de forma que eles levem para suas vidas o que aprendem na escola para se tornarem autônomos em suas decisões e possam intervir no seu cotidiano, contribuindo com melhoria de suas condições de vida.

Arroyo, Caldart e Molina (2011), constatam em seus relatos que a educação do campo deve levar em consideração a identidade cultural dos camponeses. Os professores

são considerados sujeitos em construção, assim como os alunos. Deste modo, os educadores necessitam conhecer os sujeitos com os quais compartilham experiências de vida durante o ano letivo, pois cada discente é protagonista de sua identidade e sua história, assim como o professor também tem a sua.

Vale ressaltar que a Caatinga é de grande relevância para o desenvolvimento dos conhecimentos e articulações dos saberes e experiências que envolvam o meio ambiente, a evolução humana, as transformações tecnológicas voltadas ao cotidiano e vivência do aluno (CAMARGO; BLASZKO; UJIIE, 2015).

Investigar como a temática da Caatinga tem sido apresentada na Escola Família Agrícola Dom Fragoço/ EFA e que práticas de contextualização têm sido desenvolvida com os estudantes é o objetivo deste estudo. Para tal foram definidos os seguintes objetivos específicos, a saber: diagnosticar se a temática da caatinga é desenvolvida nas escolas do Campo da região dos Sertões de Crateús; compreender como a temática da caatinga é abordada nas escolas do Campo da região dos Sertões de Crateús; identificar quais práticas de contextualização são empregadas na escola sobre a temática da caatinga.

## **METODOLOGIA**

A proposta metodológica desta pesquisa se deu a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, onde a pesquisadora pôde colher e analisar as visões dos sujeitos, interpretando os discursos plurais e <sup>3</sup>se permitindo uma observação mais ampla e abrangente dos resultados.

A utilização da pesquisa qualitativa permite a aproximação com as/os interlocutoras/es, os diálogos, a escuta de suas falas, dos seus anseios e permite que os pesquisando sejam sujeitos ativos durante o processo de investigação. É um instrumento que possibilita ao/a investigador/a compreender os atores investigados como indivíduos que têm modos de ser diversos e singularidades e que, portanto, precisam ser considerados nas suas diversidades e nos seus contextos, não podendo ser enquadrados em números e categorias rígidas de análises (SALES, 2005, p. 20)

---

<sup>3</sup> O google meet é uma ferramenta que está presente no google workspace desenvolvida com o intuito potencializar as interações e comunicações nos tempos da pandemia, esta ferramenta permite gravar a reunião/aula, compartilhar telas com informações que você queira expor, interação pelo chat e pelo microfone com a câmera ligada ou desligada, tornando-se uma ferramenta muito útil.

A pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisado uma abertura maior para se expressar e expor os seus pensamentos, ao mesmo tempo em que abre um leque de possibilidades de análises para o pesquisador. Ela traz consigo uma riqueza de detalhes que são fundamentais para alcançar os objetivos almejados.

Para estudar a temática caatinga dentro do ensino, bem como a sua contextualização nas escolas do campo é preciso se utilizar de um método mais proximal com os sujeitos da pesquisa, para melhor obter os dados necessários para a análise. Neste artigo, os dados foram obtidos através de uma entrevista semiestruturada, com roteiro previamente organizado pela autora contendo basicamente três eixos de perguntas: perfil dos entrevistados; organização; interdisciplinaridade e contextualização, e aulas práticas. O roteiro contendo todas as perguntas está apresentado no apêndice A deste trabalho.

Deste modo, a Escola Família Agrícola Dom Fragoso/ EFA foi o local escolhido para se trabalhar nesta investigação, a mesma se encontra localizada na comunidade de Santa Cruz, no município de Independência, no Estado do Ceará.

A origem da escola tem relação com a chegada de Dom Fragoso, Bispo da Diocese de Crateús, um sacerdote muito simples, honesto e comprometido com as causas sociais, visando o bem do povo excluído e marginalizado a buscar uma educação que oferecesse ao povo camponês a oportunidade de construir conhecimento sem se afastar da sua família e da sua realidade que se pressupõe que a realidade do aluno conta como um pontapé inicial de Educação, a casa, o campo é a primeira educação que o educando têm (CASTRO, 2015).

O direito à educação foi, ao longo dos anos, negado às classes mais pobres da população brasileira, dando origem à luta por uma educação que respeite e atenda as necessidades dos povos do campo, os mais atingidos pela exclusão educacional. Essa realidade tem gerado, ao longo dos anos, a situação de precariedade em que vive a escola do campo, seus resultados pedagógicos insuficientes e altos índices de evasão responsáveis em boa parte pelo contingente de pessoas jovens e adultas fora da escola e ainda um grande contingente de pessoas não alfabetizadas. (FURTADO, 2004, p.68)

Os sujeitos da pesquisa foram 04 educadores das áreas de Biologia e Geografia da EFA e das disciplinas da base técnica, visto que na EFA os educandos recebem também a formação no curso Técnico em Agropecuária.

Escolheu-se trabalhar com os educadores destas áreas porque subentende-se que são eles que abordam mais diretamente em suas aulas os conteúdos relacionados à temática da caatinga, relacionando-os com a parte prática do curso.

Por conta da pandemia do coronavírus vivenciada desde 2020, as entrevistas aconteceram de forma virtual, pelo aplicativo do meet, cada entrevista durou em torno de uma hora, os professores demonstraram satisfação em saber sobre o trabalho, pois sempre surge estudos novos que levam pessoas a escola, todos os entrevistados ligaram suas câmeras para que a interação ocorresse, momento rico em conhecimento e esclarecimentos, nenhum professor demonstrou falta de interesse em participar da entrevista, todos muito assíduos e disponíveis para eventuais dúvidas. A conversa/entrevista foi gravada pelo meet, em seguida transcrita para que pudesse analisar melhor as respostas. Utilizou-se da internet e de aparelhos tecnológicos, como notebook e/ou celular para a sua realização. Com isso, foi possível que as mesmas fossem realizadas de acordo com a disponibilidade de tempo de cada educador, permitindo a adequação aos horários tanto dos entrevistados quanto da pesquisadora.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A educação no campo surgiu com o intuito de atender as necessidades do homem do campo, garantir os direitos que são assegurados pelas leis, conquistados com muita luta traduzida como uma concepção político pedagógica, com o objetivo de unificar camponês com a terra (PIRES; SANTOS, 2016).

Na década de 1990, surgiu a proposta de construção da Educação do Campo, movida pelos Movimentos Sociais, com o intuito de expor que o campo tem conhecimento, cultura, saberes, sujeitos que trabalham, produzem e constituem um modo de vida. O espaço do campo não é somente para a produção agrícola, os camponeses são pessoas integras, assim como as pessoas que vivem na cidade, devem ser respeitados em sua identidade própria, sua cultura, isto é, “o campo é lugar de vida e, sobretudo de educação” (FERNANDES, 2011, p.137).

Deste modo, pode-se perceber que o Brasil ao longo de sua história vem sofrendo com a desvalorização da população oriunda do campo, e que podem ser percebidas por meio da ausência das políticas públicas e educacionais, pois quando se ouvi a expressão Educação do Campo, sabe-se que representa resultado de lutas do povo do campo, por políticas sérias e que implementem o conhecimento do processo de ensino aprendizagem (VENDRAMINI, 2013).

De acordo com Pereira (2009, p. 178):

A ideologia dominante sempre considerou o camponês brasileiro como matuto analfabeto, fraco, atrasado, preguiçoso, ingênuo, incapaz; um Jeca Tatu, que precisa ser redimido pela modernidade [...] As escolas implantadas no campo só contribuíram para reforçar essa imagem. Escolas com pedagogias bancárias,





importadas da cidade como um pacote pronto: currículo, calendário, cartilha e professor. Todos oriundos da cidade. (PEREIRA, 2009, p.178)

O Brasil possui 5 regiões distintas e naturais, chamadas de biomas, cada uma com suas características e potencialidades, que são elas: Amazônia, Mata Atlântica, Pantanal, Cerrado, os Pampas e além disso a vegetação da Caatinga, que abrange uma área de aproximadamente 844.453 Km<sup>2</sup>. Este bioma é exclusivamente brasileiro e predomina nos 9 estados do Nordeste que são: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia e o Norte de Minas Gerais (IBGE, 2021).

O nome Caatinga vem da língua tupi guarani, (caa: mata e tinga: branca) que significa mata ou floresta branca. Os índios foram os primeiros habitantes da região e a chamavam de Caatinga devidos na estação seca a maioria das plantas perdem suas folhas, prevalecendo uma paisagem esbranquiçada nos troncos das árvores e de aparência clara, no entanto no período chuvoso a paisagem muda para variados tons verdes, resultado do rebrotamento das folhas das variadas plantas que só renascem em período chuvoso. A vegetação está inserida no contexto do semiárido referindo-se ao clima dessa região (SENA, 2011; IBGE, 2014; MMA, 2016).

Apesar das condições climáticas adversas e a restrição de chuvas durante grande parte do ano, além das condições de aridez severa, esse bioma apresenta animais e plantas que se adaptaram de uma forma surpreendente ao clima seco, conseguindo sobreviver e perpetuar sua linhagem reprodutiva (ROCHA *et al.*, 2007). Segundo o Ministério do Meio Ambiente – MMA (2016), o semiárido nordestino abriga uma população de 27 milhões de habitantes, sendo a região árida mais populosa do mundo.

A caatinga apresenta uma fauna diversificada, sendo relativamente grande o grau de endemismo, contudo é a ampliação de estudos desse bioma, o que certamente resultará na superação do dogma da caatinga como bioma pobre em biodiversidade, muitas vezes propagada na literatura (ALVES; ARAÚJO; NASCIMENTO, 2008).

Ainda nessa perspectiva, Leal, Tabarelli e Silva (2003), destacam que o bioma Caatinga é o ecossistema brasileiro mais negligenciado quanto à conservação de sua biodiversidade. A falta de conhecimento, preservação e estudos revitalizam o paradigma de esquecimento dessa paisagem e, desse modo, dificultando a sua preservação, já que não se pode preservar aquilo que não se conhece. Alves, Araújo e Nascimento (2008, p.146) asseveram que “pela falta de dados atualizados e estudos contínuos prejudicam o desenvolvimento da conservação ambiental da caatinga”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento foi analisado como se dá a organização dos objetos de conhecimentos que são obrigatórios para os estudantes; como a Caatinga é abordada dentro da Matriz Curricular; quais são os conhecimentos dos discentes sobre essa vegetação quando chegam a EFA; como ocorre a interdisciplinaridade e a contextualização com a Caatinga, e como são realizadas às aulas práticas, como são pensadas essas aulas práticas, se é em conjunto com outras disciplinas e outros colegas e, em seguida, se dará a explanação das visões de cada discente. Cada entrevistado recebeu um nome da fauna ou flora da Caatinga como podemos ver abaixo na descrição sobre eles: o Soldadinho-do-Araripe, o Corrupião, a Flor de Mandacaru e a Aroeira-vermelha.

Os entrevistados são monitores da EFA e foram indagados sobre como se dava a organização dos objetos de conhecimentos que são obrigatórios para os estudantes e responderam o seguinte:

Aqui na EFA Dom Fragoso, nós tomamos como base na hora do planejamento das atividades da nossa ementa a BNCC e também o plano de estudo então nunca a gente vai seguir apenas a BNCC, porque como a gente tenta fazer de maneira contextualizada, nós precisamos atender aquela demanda que o plano de estudo traz para a gente em relação a qualquer tema que a gente for trabalhar em sala. (SOLDADINHO-DO- ARARIPE, 2021)

A narrativa do docente nos faz pensar em diversas questões. Primeira que a BNCC não possibilita o amplo e relacional debate acerca das particularidades regionais e locais do campo. Segundo, tomar o plano de estudo como um documento guia que orienta a formação, faz pensar e exercitar novas práticas que se manifestam como uma possibilidade de resistência da escola sobre o currículo oficial e hegemônico.

Percebe-se ainda que o plano de estudo é essencial para que se possa organizar os objetos de conhecimento, pois este é desenvolvido de acordo com pesquisa realizada com os discentes nas comunidades depois de elaborado pelos monitores juntamente com os educandos, como pode ser comprovada na fala do entrevistado Flor de Mandacaru:

Esses planos de estudo são construídos com os educandos, com as famílias desses educandos e educandas, onde é feita uma pesquisa com a comunidade para ver o que eles gostariam de estar pesquisando, claro a gente durante o ano, não fica mudando as temáticas, a gente faz uma pesquisa por um tempo, um período de 3 anos a 5 anos, depois faz a análise se esses temas ainda condizem com a vivência deles dentro da comunidade, então a construção se dar dessa forma, os educandos, os monitores, as comunidades e eles desenvolvem durante o ano a pesquisa e a partir de cada pesquisa é contextualizado dentro das disciplinas. (FLOR DE MANDACARU, 2021)

Como podemos observar, o Plano de Estudo é uma ferramenta pedagógica e organizacional dos conteúdos e práticas desenvolvidas pela escola com os estudantes. O plano de estudo é ainda um documento construído pelo tripé que sustenta e fundamenta a ação pedagógica e política da escola: família, comunidade e escola. O plano de estudo é o documento que instrumentaliza a reflexão e as tomadas de decisões no interior da escola.

Desse modo Araújo (2005) ressalta que:

Os conteúdos estudados nas EFAs têm como referência o Plano de Formação, que nas escolas oficiais, corresponde às chamadas Diretrizes Curriculares Nacionais. Para tanto, o processo de ensinar e de aprender nas EFAs tem como ponto de partida os temas geradores elaborados em conjunto entre monitores e alunos nos Plano de Estudo. (ARAÚJO, 2005, p.94)

E se faz necessário além da interdisciplinaridade, contextualizar os conteúdos de acordo com a vivência dos educandos, Silva (2007) expressa em seus relatos que:

[...] a contextualização se apresenta como um modo de ensinar conceitos das ciências ligados à vivência dos alunos, seja ela pensada como recurso pedagógico ou como princípio norteador do processo de ensino. A contextualização como princípio norteador caracteriza-se pelas relações estabelecidas entre o que o aluno sabe sobre o contexto a ser estudado e os conteúdos específicos que servem de explicações e entendimento desse contexto [...].

A fala do entrevistado aponta que o trabalho e a relação direta da EFA com as comunidades possibilitam maior proximidade e reconhecimento do trabalho desenvolvido na escola, em que:

Os conhecimentos que os educandos trazem a respeito da Caatinga, de verdade, é bem limitado mesmo, as vezes eles até têm algumas informações, conhecem várias espécies, sabem o nome das plantas, mas não consegue entender a importância desse bioma, não consegue compreender as particularidades que o bioma Caatinga apresenta, nisso então com o passar do tempo vão começando a assimilar. (FLOR DE MANDACARU, 2021).

Eles trazem esses saberes prévios. Eles são levados em consideração na hora da preparação e na hora do momento das aulas, a gente preza muito pela participação (CORRUPIÃO, 2021).

Os conhecimentos que os discentes trazem de sua realidade tornam possível a aquisição de ideias que podem ser construídas ou transformadas no universo como pontos de ancoragem e descobertas de novos conhecimentos (PIVATTO, 2014). Silva, Herbert e Soares (2013), ainda acrescentam que:

As concepções e conhecimentos prévios dos próprios alunos, pode promover uma mudança conceitual e, assim, iniciar uma construção concreta e significativa da aprendizagem, tendo como ponto de partida





a perspectiva conceitual dos sujeitos. (SILVA, HERBERT, SOARES, 2013, p.2 ).

Desse modo pode-se dizer que a escola é um lugar favorável, onde se pode desenvolver atitudes sustentáveis através das disciplinas que englobam os alunos em sala de aula. Nesse contexto, Marcatto (2002), também destaca a tomada de consciência sobre a gravidade do problema e a necessidade de resolvê-lo, com isso, gerando uma transformação na sociedade. Ademais, Nascimento (2015), admite que a “Educação Ambiental gera uma perspectiva de “sobrevivência” do semiárido, do humano, da biodiversidade que nele habitam; uma possibilidade de deixar para as futuras gerações um cenário de um bioma ímpar, exótico, resiliente e de um biopotencial ainda oculto para o mundo” (NASCIMENTO, 2015, p.7625). E a escola do campo EFA proporciona um maior conhecimento sobre esse bioma aos seus educandos de forma que muitos transmitem seus conhecimentos adquiridos na escola para seus familiares e até ajuda a despertar o interesse de alguém para estudar na EFA.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A importância deste tema para mim se deu a partir de um projeto intitulado Novos Talentos, no qual fiz parte na graduação do ano de 2015 a 2018. Lá pude conhecer a caatinga e disseminar as potencialidade e riquezas desta região para os discentes do ensino fundamental e médio, por meio desta experiência que vivenciei, passei a lançar outro olhar sobre essa vegetação, enxergando beleza, exuberância e aquisição de novos saberes.

No decorrer deste estudo fui levada a pensar em novas questões, a saber: Quem produziu esse discurso sobre a caatinga de lugar sem potencial natural/humano? Com qual intenção? Por que na educação tradicional somos inclinados a acreditar no “discurso do não lugar”, sobre a caatinga, a partir dos conteúdos que são apresentados e do próprio livro didático?

Ao finalizar esta pesquisa essas questões chegam até mim e ficam descobertas de respostas, no entanto, este trabalho anuncia e revela que apesar do discurso de negação sobre o bioma da caatinga, é possível encontrar outros espaços formativos/educacionais que produzem e organizam suas práticas na tentativa de apresentar um outro semiárido, palco de vida, produção, preocupação com o meio ambiente e convivência humana.

A EFA dentro das suas práticas, mas também do seu pensar-refletir encontra alternativas de revelar um outro discurso possível sobre a caatinga. Se pensarmos que o discurso/narrativa instaura poder-saber, então dentro das ações da EFA, especialmente do

Plano de Estudos, os monitores/educadores criam espaços de formação ampliada e renovada sobre as possibilidades de convivência com o semiárido e o potencial produtivo e humano da caatinga.

Nos componentes curriculares do ensino de geografia, biologia e da área técnico/agrícola os monitores buscam modificar/desconstruir a relação entre caatinga e lugar de pobreza, escassez, sem vida, sem produção, o não lugar!

Nesse movimento, trocas e relação entre ensino e aprendizagem os monitores chegam a EFA com o conhecimento limitados sobre a vegetação e o seu potencial, mas com o passar dos dias e das atividades que são propostas, acabam aperfeiçoando ou transformando aquele conhecimento já existente sobre a região, ampliando e aprendendo na relação educador/educando. Para que ocorra a contextualização e interdisciplinaridade os professores elaboram suas aulas em conjunto com as demais áreas, gerando assim, uma aprendizagem mais significativa para o estudante, além disso há aulas práticas que ajudam nesta aprendizagem que é contínua, pois pode-se ter acesso a práticas antes da teoria, isso ajuda o educando a compreender melhor as informações sobre determinado conteúdo, pois há disciplinas diversificadas que trata exclusivamente da região do discente.

A EFA elabora um plano de estudo com os educandos, família e monitores e a partir dessa pesquisa feita dentro da comunidade é possível conhecê-la melhor, favorecendo aos jovens traçar metas que viabilize a aprendizagem tornando-a mais eficaz, onde o educando passa se enxergar dentro dessas vegetações, além de perceber todas as potencialidades que a mesma proporciona, gerando assim uma semente que desabrocha dentro das suas famílias, pois o conhecimento quando usado a favor da Caatinga prospera bons frutos. Por fim, mais do que apresentar novos sentidos aos educandos sobre a caatinga, as práticas da EFA e do trabalho dos monitores anunciam a possibilidade de invenção de outro discurso e de uma nova realidade sobre a caatinga.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães de. **Escola para o trabalho, escola para a vida: o caso da Escola Família Agrícola de Angical - Bahia.** 2005. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia - Uneb, Salvador, 2005.

ALVES, José Jakson Amancio; ARAÚJO, Maria Aparecida de. NASCIMENTO Sebastiana Santos do. Degradação da caatinga: Uma investigação ecogeográfica. **Revista Caminhos de Geografia**, v.22, n, 3, p.126-135, 2008.



ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagma (Orgs.). Por uma educação do campo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CAMARGO, Nilce Svarcz Jungles de; BLASZKO, Caroline Elizabel; UJIIE, Nájela Tavares. **O Ensino de Ciências e o papel do professor: Concepções de Professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2015. XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba, PR – 26 a 29 de outubro de 2015 Disponível em: <<https://educere.pucpr.br/p1/anais.html>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

CASTRO, Gigi. Retalhos da educação contextualizada para a convivência com o semiárido no sertão do Ceará: da mesa de negociação à política pública em construção nos municípios de Tamboril, Quiterianópolis, Nova Russas, Ipaporanga e Independência. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. 136 p.

FERNANDES, Bernardo M. Diretrizes de uma caminhada. (Orgs.). 5ª ed. –Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 4, p. 133-145.

FURTADO, Eliane Dayse Pontes. Estudo sobre a população rural no Brasil. In: Educación para la población rural en Brasil, Chile, Colombia, Honduras, México, Paraguai y Perú. Santiago: UNESCO; FAO, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2021. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>>. Acesso em 20 maio. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2014. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio.html>> . Acesso em 11 de maio 2021

LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso da. **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Editora universitária UFPE, 804p. 2003.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. 1.ed. Belo Horizonte: FEAM, 2002

NASCIMENTO, Valéria Godoi do. **A visão da caatinga através da educação ambiental por alunos do semiárido pernambucano**. 2015. XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba, PR – 26 a 29 de outubro de 2015 Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20597\\_10648.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20597_10648.pdf)>

PEREIRA, Antonio Alberto. Pedagogia do Movimento Camponês na Paraíba: das Ligas aos Assentamentos Rurais. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2009.

PIRES, Adenilton; SANTOS Roberto de Souza. Educação do Campo: uma análise do centro educacional municipal Brigadas Che Guevara no município de Monte do Carmo - TO. **Revista Produção Acadêmica**, Tocantins, v. 2, p. 57-75, 2016.

PIVATTO, Wanderley Brum. **Os conhecimentos prévios dos estudantes como ponto referencial para o planejamento de aulas de Matemática: análise de uma atividade para o estudo de Geometria Esférica**. Revemat, Florianópolis, v. 9, nº 1, p. 43-57, 2014.



PRUDÊNCIO, Christiana Andréa Vianna e GUIMARÃES, Fernanda Jordão. **A contextualização no ensino de ciências na visão de Licenciandos**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

ROCHA, Washington Franca et al. Levantamento da cobertura vegetal e do uso do solo do Bioma Caatinga. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 13., 2007, Florianópolis - SC - Brasil. **Anais...** Florianópolis: Inpe, 2007. p. 2629 - 2636. Disponível em: <<http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2007/01.31.19.10/doc/@sumario.htm>>. Acesso em: 23 mai. 2021.

SALES, Celecina de Maria Veras. Pesquisa Qualitativa: cartografando novos percursos na produção de conhecimento. In: DAMASCENO, Maria Nobre, SALES, Celecina Veras (Orgs.). **O caminho se faz ao caminhar**: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa. Fortaleza: UFC, 2005. p.15-33.

SENA, Liana Mara Mendes de. **Conheça e conserve a Caatinga**. Fortaleza: Associação Caatinga, 2011. 1 v. Disponível em: <<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/images/abook/pdf/2sem2015/novembro/Nov.15.33.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SILVA, Erivanildo Lopes. **Contextualização no ensino de química: ideias e proposições de um grupo de professores**. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Vitor de Almeida; HERBERT, Márlon; SOARES, Flora Barbosa. **Conhecimento Prévio, Caráter Histórico e Conceitos Científicos: O Ensino de Química a Partir de Uma Abordagem Colaborativa da Aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Pesquisa no Ensino de Química, 2013. 11 p. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2021.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Os desafios do MST e da educação na atualidade brasileira**. 2. ed. Florianópolis: Portal de Periódicos Ufsc, 2013. 21 f. Disponível em: [https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n2p505/pdf\\_6](https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n2p505/pdf_6). Acesso em: 13 jul. 2021.